

Caçadores, Artesãos, Comerciantes, Guerreiros: Os Cokwe em perspectiva histórica

I. Introdução

Em 1914, um mapa publicado pelo administrador colonial de Angola, Ferreira Diniz, projectou a primeira imagem sistematizada da distribuição territorial das diferentes “tribos” africanas pertencentes a colónia portuguesa de Angola¹. Nesse mapa, as populações Cokwe ocupam uma grande faixa de território do norte e leste de Angola (Fig. 1). Porém, o mosaico de “tribos” ou de “culturas” representadas no mapa não só transmite uma ideia exagerada da separação entre os diferentes grupos em presença como consagra uma falsa imagem fixa e estática desses grupos. Na verdade, até ao século XX, os Cokwe, em comum com a maioria dos habitantes da savana africana, eram populações abertas e interactivas, cuja composição e tamanho demográfico alterava ao longo do tempo de acordo com as circunstâncias históricas. Assim, os Cokwe são próximamente aparentados com grupos vizinhos, tais como os Luvale ou os Lwena com os quais, ainda hoje, compartilham muitas características culturais. Na viragem do século XIX, a imagem colonial dos Cokwe era predominantemente de uma população guerreira e escravagista cujos assaltos e violência tinham provocado a queda do império Ruwund². Contudo, essa imagem esconde uma realidade muito mais complexa, fruto de uma longa história de interacção entre os Cokwe e as outras sociedades da África Central. O presente texto procura situar os Cokwe nesse contexto histórico mais vasto.

Até 1900, os Cokwe viviam fora do alcance da administração colonial, uma vez que foi só então que a ocupação efectiva portuguesa do território angolano conseguiu expandir para além dos pequenos núcleos costeiros centrados em Luanda, Benguela e Moçamedes. No século XIX, a influência dos interesses mercantis europeus na costa atlântica, sentida através da presença no interior longínquo de comerciantes oriundos da pequena colónia portuguesa de Angola, estimulou

Jill Dias, Faculdade das Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

¹ A representação das diferentes populações permaneceu pouco alterada nos mapas “étnicas” produzidos até à década de 1970: veja-se, em especial, Redinha, 1952, Lima, 1970

² Ou seja “Lunda” na documentação histórica portuguesa. O Estado ou sistema político Ruwund sob a autoridade máxima do Mant Yaav, abrangia uma vasta região a leste dos rios Kwango e Kwanza até aos finais do século XIX: Cf. Palmeirim, 1994, p. 24. Esta situação histórica deu origem na primeira década do século XX à criação do distrito colonial da Lunda do nordeste de Angola: veja-se Santos, 1966.

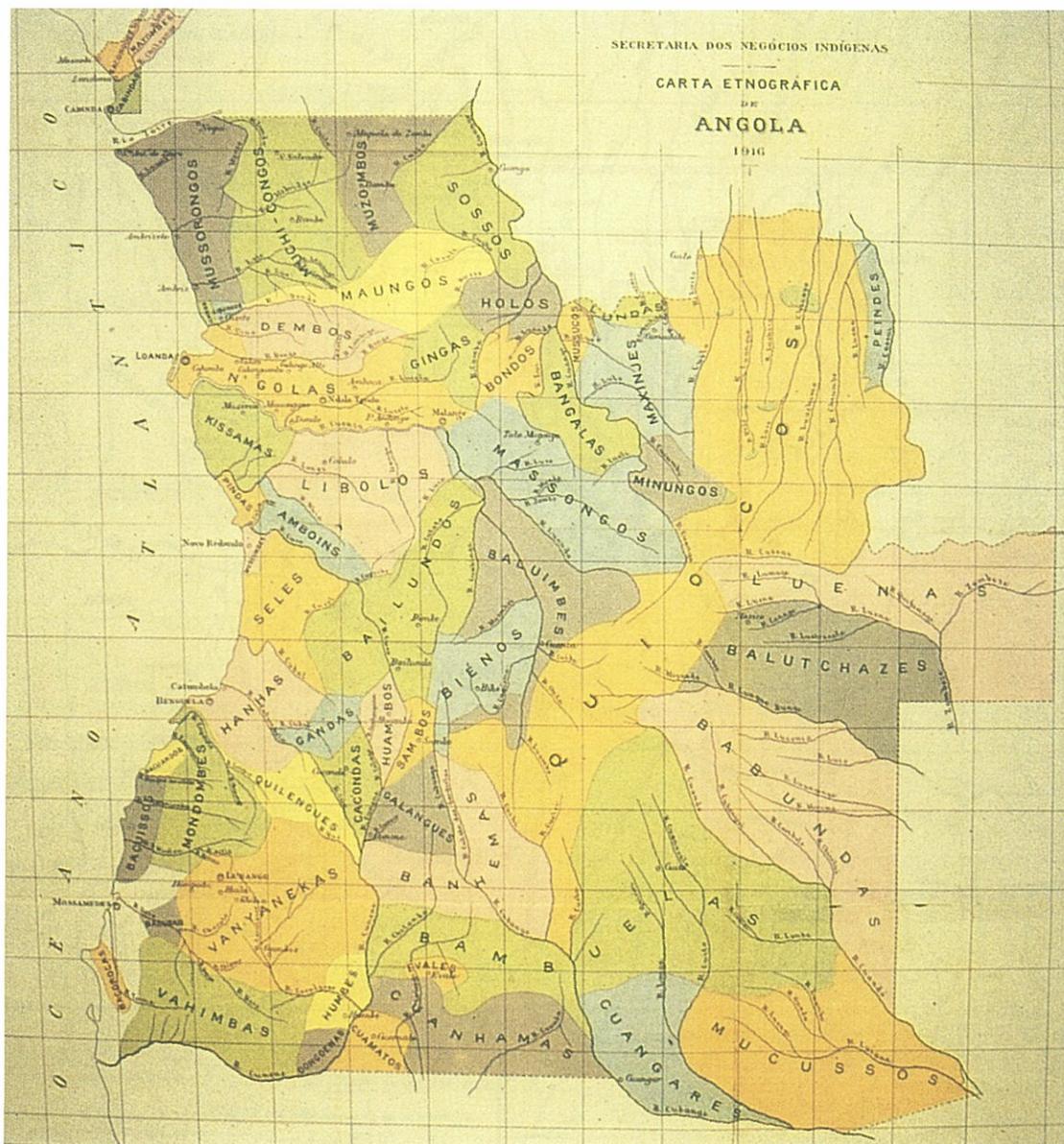


Fig. 1 Mapa Etnográfico de Ferreira Diniz, 1918 [Henriques, 1997]

interações entre as diferentes sociedades africanas que transformaram social e politicamente, as populações a leste do Kwanza, incluindo os Cokwe³. Ao longo do século XIX, as sociedades africanas politicamente autónomas que circundavam esses núcleos não só produziam a maior parte das exportações coloniais, como também controlavam o comércio entre o interior e a costa. Assim, no curto prazo, a economia mercantil do Atlântico introduziu novas oportunidades económicas e políticas para essas populações, não obstante a eventual subordinação das suas economias locais aos mercados internacionais e a marginalização de *entrepreneurs* africanos a favor de agentes europeus que acompanharam a expansão da administração europeia nos princípios do século XX. Porém após o colapso, em 1913, os preços mundiais da borracha africana em consequência da concorrência sud-asiática, os interesses do capital mercantil foram sendo substituídos pelos do capital industrial, e, a partir da década de 1920, essas populações, em especial os Cokwe se tornaram vítimas da exigência europeia de trabalhadores nos empreendimentos industriais coloniais, e, especial as minas de diamantes.

Se é possível aprofundar a história dos núcleos coloniais através da documentação arquivística de natureza administrativa ou militar, o conhecimento empírico das sociedades africanas mais longínquas, tais como os Cokwe, deriva principalmente dos relatos deixados por viajantes e exploradores do século dezanove, e maior parte dos quais eram europeus. Entre o primeiro conjunto de relatos, baseados em observações feitas nas décadas de 1840 e 1850, são as descrições do negociante brasileiro, Joaquim Rodrigues da Graça (1854/58, 1890), o sertanejo português, Silva Porto (1842, 1885, 1986), o missionário escocês, David Livingstone (1857, 1963) e o viajante e sertanejo húngaro, Lazlo Magyar (1859). Posteriormente, entre as décadas de 1870 e 1880, essas sociedades foram visitadas por exploradores portugueses, nomeadamente Capelo e Ivens (1881), Serpa Pinto (1881) e Henrique de Carvalho (1890, 1894/95) e, ainda, por exploradores alemães e húngaros que penetraram a África Central nesses anos, nomeadamente Anton Lux (1880), Paul Pogge (1881), Otto Schutt (1881), Max Büchner (1882), Von Mechow (1882) e Von Wissman (1889).

É claro que as interpretações e representações desses autores são profundamente influenciadas pelo seu etnocentrismo. A maior parte dos europeus, mesmo os mais viajados ou experimentados no comércio africano, pouco compreenderam do sentido das instituições e os valores familiares, políticas e religiosas das sociedades africanas à sua volta. As suas representações, tantas vezes negativas da vida africana, denunciam os seus próprios preconceitos culturais. Por isso mesmo, são relativamente fáceis de desmontar⁴. Filtradas por uma leitura crítica, os relatos europeus se tornam fontes preciosas de conhecimento histórico das sociedades africanas. No caso específico dos Cokwe, as tradições e informações recolhidas pelos exploradores portugueses e alemães na região do Kasai no último quartel do século XIX são cruciais sobretudo em proporcionar uma crónica interna das relações da população Cokwe com os “Lunda do *Mwant Yaav*”, ou seja os Aruwund⁵.

³ Para sínteses recentes da história de Angola no século XIX, vejam-se por exemplo, Henriques, 1997; Dias, 1998.

⁴ Sobre isso, veja-se, por exemplo, a leitura crítica das observações do comerciante brasileiro Joaquim Rodrigues de Graça na década de 1840 feita por Isabel Castro Henriques, 1997, pp. 442-443

⁵ Tratam-se dos povos que formavam o núcleo central e original dos grupos subordinado à autoridade do Mant Yaav: Palmeirim, 1994, p. 24.

Neste respeito, a obra mais notável é de Henrique de Carvalho, que aprendeu a língua Uruwund entre 1884 e 1888, conduzindo um trabalho etnográfico de grande sensibilidade e rigor, de tal forma que as informações por ele recolhidas constituem a fonte principal de conhecimento sobre os Cokwe nesse período ⁶.

Marie-Louise Bastin, pioneira de estudos etnográficos sobre a cultura material da região da Lunda, foi entre os primeiros antropólogos a reconhecer o valor das informações recolhidas pelos exploradores europeus do século XIX para a reconstrução histórica da população Cokwe (1961, 1966, 1994). O seu trabalho foi complementado pelo estudo histórico pormenorizado de Joseph Miller (1970) e pelas investigações antropológicas de Mesquitela Lima (1971), Alfredo Margarido (1972), Rodrigues de Areia (1985) e Manuela Palmeirim (1994). Mais recentemente ainda, essas fontes foram sujeitas de novo a uma re-leitura crítica e exaustiva pela historiadora Isabel Castro Henriques (1997), no sentido de conceptualizar e aprofundar a realidade histórica dos Cokwe. Reconhecendo a importância das reconstruções históricas e ideológicas do mundo Cokwe apresentadas por esses autores, o presente texto procura sintetizar, de modo sucinto e matizado, algumas das suas conclusões.

2. Os Cokwe no contexto da África Central

De acordo com as tradições orais da África Central, os Cokwe possuem origens comuns muito antigas com outros grupos dessa região, entre eles os Aruwund, Mbangala, Masongo, ou Xinje, com os quais são aparentados política e culturalmente ⁷.

Contudo, não há notícia escrita dos Cokwe até ao último quartel do século XVIII – o que reflecte não a sua eventual ausência física ou linguística, mas a falta de conhecimento geográfico ou etnográfico europeu acerca das regiões a leste dos rios Kwango e Kwanza. Até aos finais do século XIX, os Portugueses na costa atlântica juntavam todas as populações longínquas entre os rios Kwanza e Zambeze sob o rótulo pejorativo de “Ganguela” ⁸. No entanto, nas línguas Luvale, Lwena, Luchazi, Cokwe e Mbunda, o termo *nganguela* significa a zona baixa de florestas e savanas arenosas e secas entre o planalto

⁶ Ibid., pp. 142-143. Veja-se, também, Tavares, 1995

⁷ A ausência de fontes escritas contemporâneas para a reconstrução histórica das sociedades das savannas é compensada pela existência de numerosas tradições orais. Tradições e informações orais sobre os laços históricos dos Cokwe foram registadas por Capelo e Ivens, 1881, I, pp. 173-174 e Carvalho, 1890, 1898. Porém, o conhecimento detalhado da história das sociedades da África Central antes de 1800 é complicado pelas dificuldades em interpretar essas tradições, as quais, para além do seu conteúdo simbólico, contém uma visão telescópica do passado, confundindo acontecimentos históricos mais recentes com lendas antigas: Para o debate sobre a interpretação da savanna africana ver, por exemplo, Heusch, 1972; Miller 1980, 1988, pp. 26-27; Para reconstruções da história política mais recuada dos Cokwe, Ruwund e povos vizinhos ver, em especial, Vansina, 1963, 1966; Birmingham, 1965; Margarido, 1971; Miller, 1976, pp. 114-150; Lima, 1988; Hoover, 1978a, 1978b; Reefe, 1981, 1983, pp. 189-192. Palmeirim, 1994, Henriques, 1997.

⁸ Os ingleses, que se introduziram na mesma região vindo do leste referiam à mesma região e população como ‘Wiko’: veja-se Gluckman, 1954, pp. 89-92.

do Bié e o rio Zambeze. Ou seja, na sua origem, *nganguela* é um termo ecológico, cuja transformação em rótulo étnico durante o período colonial implicava a homogeneização de uma situação historicamente complexa e bastante diferenciada em termos das formações sociais e das identidades e tradições culturais desenvolvidas nessa zona⁹. Hoje em dia, essa zona inclui povos chamados Luchazi, Mbunda, Cokwe, Lunda, Ndembu, Luvale e Lwena. Mas é impossível determinar o que essas diferenciações étnicas representam, sem saber a sua evolução histórica. Por sua vez, as fortes semelhanças culturais, políticas e linguísticas entre alguns desses grupos observadas por viajantes, antropólogos e administradores coloniais no século XX também sublinham a importância de adoptar uma perspectiva mais regional do que “tribal” na abordagem histórica dos mesmos grupos.

Parece evidente que, no século XIX, esses povos integravam uma multiplicidade de identidades culturais e políticas produzida historicamente a partir de especializações ecológicas e de contactos milenários entre as populações espalhadas nas savanas da África Central. Aproveitando-se da facilidade de movimento, quer na savana, quer nas margens da floresta mais a leste¹⁰, essas populações desenvolveram correntes migratórias em resposta às oportunidades fornecidas pelo comércio, pela protecção política ou pelas alianças matrimoniais. Por um lado, a partilha e o intercâmbio de ideias e comportamentos resultantes desses movimentos populacionais teriam contribuído para reforçar as semelhanças ligando comunidades amplamente separadas e dispersas no meio de espaços vazios. Mas, por outro, a interacção histórica entre grupos fortemente diferenciados e desiguais em termos dos recursos económicos ou das suas estruturas demográficas ou políticas teria provocado a afirmação de uma multiplicidade de identidades culturais distintas cujo sentido subjectivo de diferença – às vezes quase imperceptível ao observador estrangeiro – exprimia-se através da sua cultura material, língua, adornos corporais, ou mitos de fundação. Entre os muitos grupos linguísticos que se formavam através desse longo processo histórico incluíam-se as populações Cokwe do além Kwango¹¹.

As semelhanças geográficas, culturais e políticas da vasta região entre o rio Kwanza e o alto Zambeze no século XVIII facilitavam o desenvolvimento de redes regionais de comércio cuja antiguidade é confirmada pelos poucos dados arqueológicos existentes. Tais redes baseavam-se sobretudo nos depósitos de sal e de minérios de ferro e cobre, sendo particularmente desenvolvidas em volta das concentrações destes minerais e também nas zonas ecológicas de transição que favoreciam a troca de produtos regionais especializados e complementares; ou seja, entre a floresta e a savana, o litoral e o interior, entre as matas mais secas e os vales de rios mais húmidos, ou entre zonas agrícolas de pastorícia¹². Esses produtos incluíam, para além dos produtos da floresta, géneros alimentícios, medicações e os serviços especializados de adivinhos e

⁹ Esta realidade histórica é deduzida principalmente de registos arqueológicos: Veja-se, por exemplo, Philipson, 1974, pp. 1-25; e Derricourt & Papstein, 1977.

¹⁰ Veja-se, por exemplo, Vansina, 1973-74.

¹¹ De acordo com o explorador alemão, Otto Schutt, que viajou entre os Cokwe em 1878, eles se teriam fixados há mais de trezentos anos.

¹² Veja-se Birmingham, 1970. Estes aspectos do comércio africano foram também aprofundados por Miller, 1988; tendo sido revisitados mais recentemente por Henriques, 1995 e 1997.

curandeiros. Os rios tributários, sobretudo nas bacias do Zaire e do Kasai proporcionavam caminhos importantes para o comércio e para a migração local. Por sua vez, as semelhanças linguísticas verificadas na maior parte dessa região tornaram relativamente fácil a comunicação entre a maioria dos agrupamentos populacionais que habitavam essas bacias e ainda a do rio Kasai¹³.

As unidades políticas dessa região também compartilhavam uma tradição histórica comum, com símbolos e estruturas políticas semelhantes. Os Cokwe se integravam no sistema de matrinhagens Mbwela, de grande antiguidade, que atravessavam as diferenciações culturais, ou “tribais” emergentes, facilitando a mobilidade e a migração. Além desses laços históricos e sociais, práticas rituais comuns (*mukanda* e os cultos de possessão *mahamba*), também funcionaram para cortar as diferenciações culturais. A cerimónia *mukanda*, em especial, constituía uma experiência comum para todos os adultos masculinos, unindo-os e dando-os um estatuto social mutuamente respeitado e reconhecido em toda a região entre os rios Kwanza e Zambeze¹⁴.

Até aos meados do século XVII, as populações a leste do Kwanza, incluindo os Cokwe, eram pouco afectadas pela presença portuguesa na costa angolana. No entanto, a partir dessa data, com a expansão do tráfico transatlântico de escravos os tentáculos mercantis alcançaram pontos cada vez mais distantes do interior¹⁵. Não é por acaso que os Cokwe emergem pela primeira vez na documentação colonial na última década do século XVIII quando o tráfico transatlântico começava a atingir o seu auge. Integrando uma vasta rede de comércio africano, esse tráfico já abrangia quase todas as sociedades da África Central, com excepção dos grupos agro-pastorícios e caçadores-recolectores, semi-nómadas, do extremo sul de Angola. A expansão do comércio e a violência da guerra redefiniram de maneira mais nítida as relações sociais e políticas entre grupos vizinhos e aparentados – incluindo os povos referidos na documentação histórica europeia como “Lundas”¹⁶, para além dos Mbangala e os Cokwe –, ou entre os povos agricultores das terras altas do planalto central, mais tarde designados como Ovimbundu.

As terras do Ciboku¹⁷, que nesse período constituíam o espaço central das populações Cokwe, eram estrategicamente situadas entre duas principais rotas de comércio: uma mais a sul, seguia para os povos Luvale¹⁸, do alto Zambeze, a outra, mais ao norte, para os Aruwund (ver mapa 1). Essas terras, “bastante elevadas” constituindo “...verdadeiro centro hidro-

¹³ Sobre este ponto veja-se, Papstein 1978, pp. 268-291

¹⁴ Sobre os rituais *mukanda* e *mahamba* vejam-se, entre outros, White, 1953, pp. 41-56; Mwondela, 1970; Van Koolwijk, 1963, pp. 156-172; Turner, 1957, Lima, 1971, Papstein, 1978.

¹⁵ Veja-se Miller, 1988

¹⁶ Estes povos incluíam, para além dos “Lunda do Mant Yaav”, ou Aruwund, mais a norte, os Luapula do Kazembe, mais a leste, e os Ndembu, mais ao sul, para além de pequenos grupos periferais, entre eles os Yaka, do Kwango: veja-se Palmeirim, 1994, pp. 23-26

¹⁷ “Quiboco” na documentação portuguesa. Escrito como “Tchiboco” em Bastin, 1961. Actual região de Moxico.

¹⁸ Chamados “Lovar” nas fontes contemporâneas portuguesas

Ovimbundu²⁵, outros eram provavelmente canalizados para o Brasil através das redes tributárias do Estado, ou “império” Ruwund, principal gestor dos escravos exportados das costas de todo o litoral angolano²⁶.

3. O “império” Ruwund

Nos finais do século XVIII, o “império” Ruwund constituía uma espécie de federação comercial e tributária, relativamente coerente e estruturada, cuja influência estendia-se sobre uma vasta área entre o rio Kwango e o alto Zambeze. Ela integrava grande parte das populações aparentadas, embora linguística e culturalmente distintas dessas regiões, incluindo os Cokwe, através de uma rede de autoridades políticas e militares que se identificavam como “Aruwund”, adoptando a organização e os símbolos políticos da corte dos *Mwant Yaav*²⁷, cuja capital, ou *musumb* (Musumba), se situava além do rio Kasai. Essas autoridades enviaram tributos periódicos – caravanas de escravos e outros produtos locais – ao *Mwant Yaav*, que os retribuiu pela distribuição sobretudo de bens europeus importados, obtidos através da venda de escravos²⁸. Nessa altura, é provável que as aldeias do *Mwant Yaav* e de outros membros da oligarquia central do “império” incorporassem grandes concentrações de escravos, aumentando assim as concentrações populacionais em volta dos seus centros de poder principais, ou *mbanza*. Tal população escrava não só colonizava e desbravava novos terrenos agrícolas, como reforçava o prestígio político-militar dos seus senhores, para quem constituía um capital humano disponível para pagar tributos internos ou vender em troca de bens estrangeiros²⁹.

Até aos meados do século XIX, as relações do Estado Ruwund com a colónia portuguesa eram medidas por uma constelação de outros Estados intermediários do vale do Kwango, nomeadamente, Yaka, Matamba, Holo, Mbondo e Kasanje. Durante mais de um século, Kasanje, cujo “rei”, ou “jaga”, intitulado *Kinguri*, reclamava laços directos de parentesco com a dinastia Ruwund dos *Mwant Yaav*, tinha impedido o livre comércio e trânsito de estrangeiros nas suas terras, exercendo um monopólio do tráfico do *kinguri*, conduzindo ao gradual desmoronamento do poder centralizado de Kasanje facilitou as relações directas do *Mwant Yaav* com os estabelecimentos portugueses do litoral atlântico. Em 1808, respondendo ao con-

²⁵ Hambly, 1954, p. 113

²⁶ Segundo à uma fonte contemporânea, a zona subordinada à influência Ruwund forneceu um terço dos escravos exportados anualmente de Luanda e de Benguela antes de 1850- o que, segundo a um cálculo recente teria dado uma média de entre 2,000 a 3,000 pessoas: ver Birmingham, 1970, p. 113, citando Magyar (1859). Um número muito maior de escravos oriundos dessa região teria saído, no mesmo período, porém, de outros pontos da costa angolana não controlados pelas autoridades coloniais portuguesas.

²⁷ Escrito como “Mwata Yamvo” ou “Muatiãnvua” nas fontes portuguesas

²⁸ Birmingham, 1970, p. 95. Para o debate sobre as origens do império Ruwund, veja-se, entre outras, as fontes referidas na nota 7, mais acima.

²⁹ Ver Birmingham, 1970, p. 96. Uma das fontes portuguesas mais importantes para informações sobre a região abrangida pelo poder Ruwund nas últimas décadas do século XVIII é o relato de Manoel Correia Leitão, publicado em Dias, 1938, pp. 3-30. Para a história dessa região nesta época ver, sobretudo, Vellut, 1970, pp. 75-135; 1972, pp. 61-166.

vite do governo de Luanda, o *Mwant Yaav* enviou uma caravana até a colónia portuguesa³⁰, quebrando, finalmente, a barreira de quase dois séculos, imposta pelo Kasanje nos contactos directos estabelecidos entre os diferentes grupos de traficantes portugueses e as populações Shinje, Minungo, Cokwe e outros, subordinados ao *Mwant Yaav* a leste do Kwango começavam a minar os laços tributários internos do próprio Estado Ruwund, ameaçando a sua unidade política.

4. A expansão de comércio “legítimo”

Esse enfraquecimento dos laços tributários internos e da autoridade política centralizada do *Mant Yaav* acelerou-se a partir da década de 1820, no contexto da intensificação do tráfico transatlântico de escravos e da exportação para a Europa de produtos tropicais, especialmente a cera de abelha³¹, a goma copal, o marfim e, mais tarde, a borracha³². A subida dos preços internacionais desses produtos a partir dos finais do século XVIII ofereceu novas oportunidades a todas as sociedades africanas autónomas, do vasto *hinterland* florestal e silvestre dos planaltos além dos rios Zaire, Kwango, Kwanza e Kubango, incluindo os Cokwe. A prontidão de resposta africana às exigências do novo comércio de exportação colonial foi facilitada sobretudo pela adaptação das técnicas de subsistência existentes – em especial de caça e de recolheção – ao aproveitamento do marfim, da cera de abelha, da goma copal ou da borracha. A região entre o Kwanza e Zambeze foi muito rica nesses géneros, a maior parte dos quais podiam ser recolhidos e preparados para venda por qualquer pessoa e cuja exportação não foi à custa do consumo local. As terras dos Cokwe eram abundantes em elefantes e enxames de abelhas, e ao alcance fácil do entreposto português do Bié. Nas décadas de 1840 e 1850, foram os Cokwe, juntamente com grupos vizinhos, tais como os Luchazi, Lwena e Luvale, que produziram a maior parte da cera e do marfim que afluía a Luanda e a Benguela³³.

Por sua vez, o aproveitamento africano da subida dos preços de marfim na costa teria sido facilitado pelo grande prestígio e importância simbólica e religiosa atribuída à actividade de caça, em especial a caça aos elefantes. Técnicas usadas pelos Cokwe na década de 1840 continuaram a incluir os arcos e as flechas e as azagaias envenenadas, para além de buracos escavados na terra como armadilhas³⁴. Ao mesmo tempo, os novos lucros provenientes sobretudo da venda de cera, teriam proporcionado aos caçadores Cokwe, o poder de compra das armas de fogo “lazarinas”, há muito importadas em

³⁰ AHU, Angola, cx.58, carta do governador Saldanha Gama, 18 de Janeiro de 1808; Torres, 1825, pp. 300-301; Vellut, 1972, pp. 110-115

³¹ Em 1844, o valor das exportações coloniais de cera rondavam os 32,000\$00, ocupando o terceiro lugar no comércio externo angolano: ver Lima, 1846, p. 76. As exportações de cera a partir de Luanda aumentaram de 52,690 libras em 1844 para 1,698,348 libras em 1857: ver Miller, 1970, p. 178

³² Sobre as tendências económicas internacionais relativas à África no século XIX, ver, por exemplo, Hopkins, 1973; Munro, 1976; Austin, 1987.

³³ Na sua viagem através de “Quiboco”, em 1846, Joaquim Rodrigues Graça observou que “imensos carregamentos” de cera partiram anualmente desse districto para Cassange e Bié: Graça, 1890, p. 415. Considerava-se a cera de “Quiboco” a da melhor qualidade em toda a África austral: veja-se Miller, 1970, p. 178

³⁴ Veja-se Graça, 1890, p. 427

Angola, mas, ao que parece, só então utilizadas por esses caçadores africanos³⁵. Nesses anos, o sertanejo Lazlo Magyar observou pequenos grupos de caçadores Cokwe espalhados nas florestas a leste e ao norte de Musumba³⁶, onde eram obrigados a pagar às autoridades políticas das terras onde caçavam um dente de marfim em cada elefante morto³⁷. O próprio *Mant Yaav* decretou o pagamento de tributo em marfim, em vez de escravos³⁸, consolidando, assim, o novo padrão de comércio externo e reforçando a importância desses caçadores no seu território. Em 1850, o valor do marfim exportado do estado Ruwund excedeu aquele de escravos³⁹. Porém, a crescente disponibilidade das armas de fogo que permitiu aos Cokwe e às populações vizinhas responder à procura externa do marfim através da caça mais eficaz dos elefantes, acabou de determinar a fuga e extermínio destes nas terras do Ciboku na década de 1850⁴⁰. Semelhante destino tiveram os elefantes, outrora abundantes, em todas as regiões atingidas pela nova procura do marfim, tais como Songo, Bié, a região de Ngangela, Lunda e até Luvale, mais a leste, onde o sertanejo português Silva Porto afirma já, em 1850, que não havia marfim suficiente para satisfazer o comércio europeu⁴¹.

Foram os contactos directos estabelecidos com o *Mant Yaav* e outros régulos além Kwango na década de 1840, durante as viagens exploratórias realizadas a partir do Bié e Mbaka, por sertanejos como António Ferreira da Silva Porto⁴², Joaquim Rodrigues da Graça⁴³, ou Lazlo Magyar, que contribuíram para estimular a maior produção e comercialização africana da cera e sobretudo do marfim⁴⁴, artigo de grande valor simbólico no quadro do poder político africano, cuja extracção tinha sido, no passado, rigorosamente controlada pelos chefes políticos das terras onde se encontravam os elefantes. A partir dos anos de 1850, o marfim passou a ser comercializado, cada vez mais, por autoridades políticas menores e até pelos milhares de caçadores individuais que guardavam os dentes para vender às caravanas organizadas por esses outros sertanejos brancos e negros estabelecidos em Bié ou em Mbaka, agentes de firmas portuguesas estabelecidas na costa atlântica. Alguns produtores africanos, nomeadamente os Cokwe, também organizaram caravanas pequenas, carregando cera de

³⁵ Ibid. Baseando-se nas observações de viajantes brancos, nomeadamente Graça (1890), pp. 413 e 426, Gamitto, 1854, p. 237, e Capello e Ivens, 1881 pp. 161-170, Isabel Castro Henriques, 1989, 1997, p. 618, distingue entre as espingardas "raiuñas, mais pesadas, associadas às rituais e cerimónias políticas e religiosas quiocas, e as "lazarinas", procuradas pelos caçadores quiocos, que os africanizaram, sacralizando-as com decorações simbólicas: Henriques, 1989, 1997, p. 618.

³⁶ Miller, 1970, p. 179, citando Petermann, 1860, vol VI, p. 228.

³⁷ Magyar, 1859, p. 9 (Agradece-se a Lotte Pfluger e a Maria da Conceição Neto a cedência de uma cópia da tradução portuguesa da obra de Magyar, em publicação a sair em Luanda); Carvalho, 1890, p. 699. Graça, 1854/55; Henriques, 1989, p. 416

³⁸ Miller, 1970, pp. 179-180, citando Bastin, 1966, p. 125.

³⁹ Miller, 1970, p. 179

⁴⁰ Livingstone, 1963, p. 106; Miller, 1970, p. 179.

⁴¹ Santos, 1986, p. 83

⁴² Ibid., "introdução" passim.

⁴³ Graça, 1890, pp. 373-488; 1854-58.

⁴⁴ Assim, por exemplo, segundo Joaquim Rodrigues da Graça, foi ele próprio quem convenceu o Mwant Yaav, Naweji II, a vender a sua grande reserva de marfim: veja-se Graça, 1854/58, pp. 441-445, 463, 466

abelha até Bié⁴⁵. No entanto, até aos finais da década de 1860, fora do escoamento clandestino de géneros coloniais que se dirigia para as feitorias estrangeiras na costa de Ambriz, grande parte do marfim, da cera e de goma copal de produção africana desceu a Luanda, Benguela ou Moçamedes através das caravanas oriundas dos núcleos coloniais portugueses. A partir da década de 1840, elas percorriam distâncias cada vez maiores e mais diversas. Não só foram mais ao sul, passando pelo Humbe até às margens do Kubango e do Lago Ngami, mas penetraram também mais ao norte, estabelecendo ligações regulares com países tão longínquos como Katanga. Nos meados do século, as autoridades portuguesas também iniciaram uma vaga de acções militares, visando não só a ocupação mais efectiva do interior e dos entrepostos europeus avançados do *hinterland*, entre eles a feira de Kasanje, de forma a proteger os investimentos sobretudo da praça de Luanda, como, também, a integração progressiva da população africana autónoma na rede fiscal e administrativa colonial.

Por sua vez, a comercialização africana do marfim e da cera produzida para o mercado colonial inseriu-se numa teia complexa de trocas internas as quais faziam a ponte de articulação entre o comércio de iniciativa europeia e o sistema de comércio africano autónomo praticado entre as sociedades do interior. A farinha de mandioca, tabaco, panos (*ntangas*) de algodão, enxadas ou gado de produção e criação africanas entravam como moeda de troca, juntamente com as importações europeias, nos circuitos mais a leste. Do ponto de vista de muitos africanos do interior de Angola, as mercadorias, sobretudo estrangeiras, trazidas pelo comerciante “branco” eram não só altamente desejadas como sinais exteriores de riqueza, como muitas vezes vistas ainda como obra sobrenatural, possuindo por isso propriedades mágicas⁴⁶. Mas nem sempre os tecidos e outros artigos de fabrico estrangeiro eram os bens mais procurados. Na década de 1870, por exemplo, alguns Cokwe trocavam a cera de abelha directamente por tabaco, de cultura e preparação africanas, em preferência às importações europeias⁴⁷. Se é certo que a procura externa, por parte da sociedade colonial, estimulou a maior produção e comércio de marfim e outros produtos entre as sociedades africanas, as preferências específicas e diferenciadas destas sociedades eram também cruciais.

5. O carácter da sociedade e política Cokwe nos meados do século XIX

Os relatos dos sertanejos e outros viajantes europeus entre as décadas de 1840 e 1870 fornecem a primeira série de imagens vivas das populações africanas a leste do Kwanza. Para alguns desses observadores, os habitantes de Ciboku se destacaram à primeira vista pelo seu aspecto físico, sendo “...altos, esveltos, de força e agilidade extraordinária...”. Mas

⁴⁵ Henriques, 1997, p. 612, citando Silva Porto, “Viagens e Apontamentos de um Portuense em África”, manuscrito da Biblioteca Pública Municipal do Porto (BPMP), Vol.2º (de 1 de Maio de 1854 a 31 de Dezembro de 1862), cap.VIII, p. 162.

⁴⁶ Henriques, 1997, p. 430

⁴⁷ Soremekun, 1977, p. 84

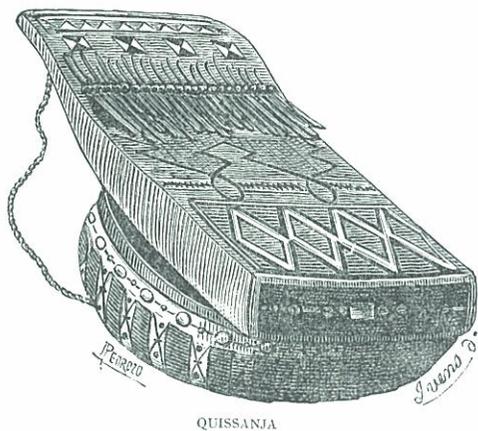


Fig. 2

foi o seu penteado “...invariavelmente constituído por longas tranças, e uma longa pera de igual maneira...” que os distinguiu “desde logo” dos outros povos vizinhos⁴⁸. Distinguiam-se também não só pela sua coragem e estima pela caça de elefantes e outros animais, mas também pela beleza da sua cultura material. Em especial, os Cokwe eram muito conotados como artesãos. Silva Porto conta, por exemplo, que os carregadores africanos pertencentes às caravanas comerciais oriundas do Bié não resistiram à tentação de comprar artigos fabricados e postos a venda nas aldeias cokwe, em especial tecidos de algodão⁴⁹. Sobretudo, os Cokwe gozavam de grande prestígio pela sua habilidade como escultores de madeira e nas artes do ferreiro⁵⁰ Para além de implementos utilitários ou decorativos, como enxadas ou machados, os ferreiros Cokwe fabricavam facas e azagaias, pulseiras e manilhas de cobre e outros objectos de significado simbólico e ritual. Essas técnicas de ferreiro foram transferidas também para a reparação e reciclagem das espingardas “lazarinas” importadas⁵¹. Por sua vez, artistas Cokwe esculpam máscaras, cadeiras e estátuas, que se encontraram entre as mercadorias oferecidas ao próprio comércio europeu⁵², e que eram também muito procuradas para fins políticos e religiosos por grupos africanos vizinhos, em especial os povos abrangidos pelo Estado Ruwund⁵³. Ao mesmo tempo, eram bons oleiros, trabalhando “...a terra com perfeição, tirando todo o partido de uma argilla negra, que o paiz produz, para o fabrico de cachimbos de primorosa execução...”⁵⁴. À semelhança de outros povos vizinhos, a prática de música, através de tocar a *quissanja*, marimbas, tambores e outros instrumentos, junta-

⁴⁸ Capello e Ivens, 1881, I, p. 203

⁴⁹ Porto, 1942, pp. 136-137; Henriques, 1997, p. 447

⁵⁰ Henriques, 1997, citando Silva Porto, “Viagens e Apontamentos de um Portuense em África”, vol.2º (de 1 de Maio de 1854 a 31 de Dezembro de 1862), BPMP, p. 162; Porto, 1942, p. 136; Magyar, 1859, p. 9; Capello e Ivens, 1881, I, p. 204. Vejam-se também Redinha, 1953; Martins, 1966; Lima, 1977, pp. 345-351.

⁵¹ Henriques, 1997, p. 618

⁵² Ibid., pp. 621-622, citando as observações de Silva Porto.

⁵³ Bastin, 1961

⁵⁴ Capello e Ivens, 1881, I, p. 203

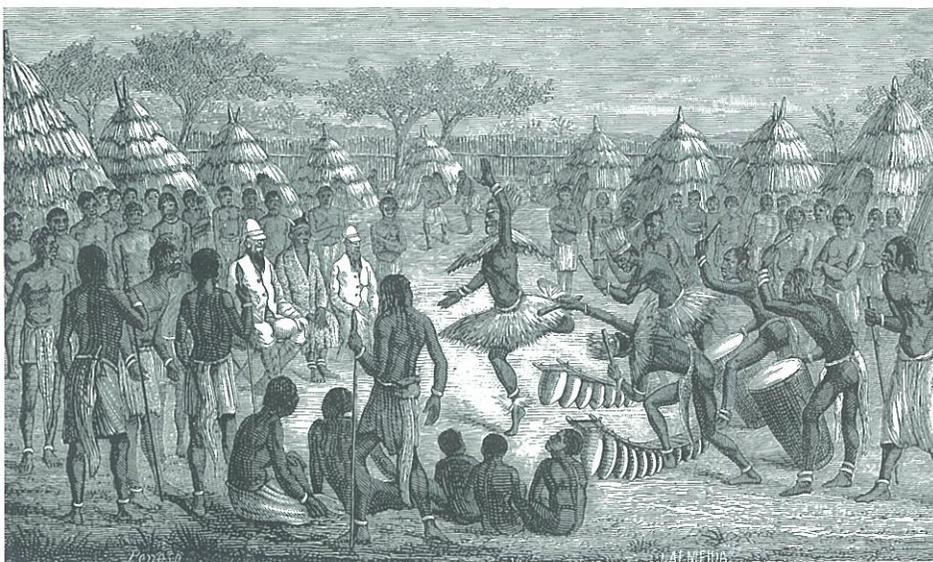


Fig. 3 "...Trajavam os músicos um pouco à maneira de *mu-quipe*, com pennas e saias; e, tangendo os instrumentos, faziam ao mesmo tempo tours acrobaticos, punham as mãos no chão e os pés para o ar, acabando por meneios e esgares, gritos e saltos..."

Capello e Ivens, 1881, I, p. 204

mente com a dança, também desempenhou um papel importante, não só religioso e político, como lúdico, entre os Cokwe (Figs.2 e 3)⁵⁵.

Quanto à organização social e política dos Cokwe, as informações são escassas. Rodrigues Graça, que, em 1846, percorreu as terras de Ciboku rumo a Musumba, transmite uma imagem muito negativa dos seus habitantes, referindo-os como populações dispersas e "errantes", sem habitat fixo ou permanente, em contraste com outros povos africanos vizinhos. Os Cokwe que ele conheceu viviam na floresta em pequenos cercados de palha, muito rudimentares, no meio das suas culturas alimentares⁵⁶. Lázlo Magyar, tal como David Livingstone, que atravessou as margens desse território pouco depois, confirma a imagem dos Cokwe como uma população bastante numerosa, organizada em pequenos agrupamentos ou aldeias, muito disseminados e dispersos, quase invisíveis no meio do capim, e que não ultrapassavam um milhar de pessoas. Nas visitas desses viajantes nunca faltaram alimentos, quer para a subsistência, quer para o comércio⁵⁷.

Tanto Silva Porto como Magyar salientam a importância social e simbólica da circuncisão entre os Cokwe, sem a qual um homem não podia casar ou praticar poligamia⁵⁸. A iniciação dos jovens durante as cerimónias de circuncisão visava prepará-los para enfrentar, com êxito, os enormes perigos provenientes da caça de animais grandes, em especial os búfalos e os elefantes. Pelo mesmo motivo, as armas de fogo utilizadas pelos caçadores Cokwe levaram decorações simbólicas untadas com misturas de substâncias naturais, incluindo elementos dos animais mortos, que as sacralizaram, assegurando o apoio e a protecção dos espíritos⁵⁹, enquanto nos seus acampamentos eram exibidos os chifres e crâneos de búfalos e antílopes uti-

⁵⁵ Porto, 1942, p. 136. Henriques, 1997, p. 445. Capello e Ivens, 1881, I, pp. 159, 204. Segundo estes exploradores, os Cokwe passaram horas "sem fim" "agarrados à quissanja": *Ibid.*, p. 172

⁵⁶ Graça, 1890, pp. 414-416. Henriques, 1997.

⁵⁷ Livingstone, 1857

⁵⁸ Porto, 1942, p. 136; Henriques, 1998, p. 446

⁵⁹ Redinha, 1950, p. 82; Henriques, 1998, p. 618.



Fig. 4 "...No alto das choças divisavam-se chifres de bufalo, oryx, e outros antilopes, uns ainda ligados aos craneos, outros já desunidos, cujo fim principal é a confecção de feitiços... Duas dúzias de homens de aspecto feroz, enlameados com manchas de sangue, envoltos em pelles, eram os habitantes d'este recinto, caçadores de profissão..."

Capello e Ivens, 1881, I, pp. 197-98

lizados para o fabrico de feitiços (Fig. 4). É possível que, na sociedade Cokwe, nos meados do século XIX, o sacrifício humano ainda desempenhasse um papel importante nos ritos religiosos ligados, sobretudo, à guerra: Segundo Silva Porto, os Cokwe eram "extremamente sanguinários, fazendo frequentes sacrifícios humanos para satisfazerem os preceitos das suas crenças supersticiosas"⁶⁰.

Magyar, que fornece as informações políticas mais detalhadas, acrescenta ainda que, nessa data, os habitantes das aldeias Cokwe "...obedecem ao governo popular assegurado por um certo número de chefes autónomos, chamados Muanangana. Os mais poderosos são: Kanyka, na região noroeste da província; Dumba, a norte; Pehu, no centro da província; Dina-Kala, junto da confluência do rio Lume com o Lunge-bungo. Os principais lugares da província (...) são aqueles onde moram os chefes aos quais acabamos de fazer alusão, de que eles recebem o nome..."⁶¹.

Entre as décadas de 1840 e 1880, os novos padrões de comércio externo reforçaram, temporariamente, essas autoridades políticas regionais, contribuindo também para a emergência de novas gerações de líderes políticos e senhores da guerra, a partir dos anos 1860, com a migração Cokwe para fora dos seus territórios ancestrais. Nesse período, as autoridades políticas Cokwe, em comum com outras autoridades africanas, exigiam pagamentos aos transeuntes que atravessaram os territórios sob a sua jurisdição, procurando controlar e conduzir todas as transacções do comércio externo de cera, marfim e outros artigos com os líderes das caravanas portuguesas e africanas que penetraram nas suas terras. Simultaneamente, empregavam todos os estratagemas ao seu alcance para reter a presença das caravanas próximo das suas aldeias, atrasando os negócios enquanto se aproveitavam das numerosas oportunidades lucrativas para impor impostos e *milonga* (multas) sob o pretexto de violações de costumes locais e códigos religiosos⁶².

⁶⁰ Henriques, 1998, p. 446

⁶¹ Magyar, 1859, pp. 7-8. Henriques, 1997, p. 442

⁶² Sobre as estratagemas empregadas pelas autoridades políticas quíocas nas décadas de 1840 e 1850 vejam-se, por exemplo, Porto 1885, pp. 166-170, 573; Livingstone, 1963, pp. 92-93, 116-117

Na década de 1840, muitas autoridades Cokwe continuavam submetidas à autoridade política do *Mwant Yaav*. Quase todos os chefes da terra Cokwe contactados, nesse período, pelo sertanejo Rodrigues Graça se queixavam dos tributos exigidos pelo *Mwant Yaav*, cuja autoridade ainda era tão absoluta que não se consideraram senhores “dos seus bens, dos seus lares, da sua família, parentes e amigos”⁶³. Porém, esta situação estava prestes a mudar. Na segunda metade do século as hierarquias de poder político africanas a leste do Kwanza sofreram mutações profundas devido ao aproveitamento novas oportunidades comerciais proporcionadas pela economia colonial. A maior parte dos recursos económicos e das fontes de riqueza, incluindo escravos ou marfim, não era mais monopólio das autoridades políticas ou dos mais velhos. A cera, o marfim, a borracha, e outros produtos de exportação colonial podiam ser procurados e explorados por qualquer indivíduo livre e hábil. Na sequência disto, verificou-se a crescente emergência de novas forças sociais e políticas apoiadas em iniciativas individuais, e sobretudo, na aquisição de escravos⁶⁴.

6. A expansão do tráfico de escravos interno, ca. 1850-1880

Paradoxalmente, o desenvolvimento de comércio “legítimo” em Angola, pela sua articulação com diferentes formas de escravidão vigentes nas sociedades africanas, também deu um grande estímulo à escravatura interna nessas sociedades⁶⁵. A oferta e a procura de escravos variavam muito conforme as preferências ou as necessidades económicas e sociais dos diferentes grupos africanos⁶⁶. As fontes europeias disponíveis demonstram inequivocamente que muitos grupos africanos atribuíram um valor aos escravos e ao gado, superior ao valor das importações europeias, sobretudo na troca de artigos de alto valor político e simbólico, tais como o marfim. Entre eles incluíam-se os Cokwe, talvez os maiores produtores de marfim no interior na década de 1850. Este fenómeno é explicado em primeira instância pelas tensões eventualmente existentes nas sociedades matrilineares dessa região, cujos padrões de residência tendiam a separar um homem da sua mulher e filhos. Daí o eventual interesse em comprar homens e mulheres como escravos, para constituir unidades familiares (re)produtivas independentes das regras de linhagem⁶⁷. Assim, à semelhança de outras sociedades vizinhas, os Cokwe aproveitaram as novas oportunidades comerciais para comprar mulheres adolescentes e rapazes, integrando-as depois nas suas unidades domésticas e aldeias⁶⁸.

⁶³ Graça, 1890, pp. 417, 440; Henriques, 1998, p. 465

⁶⁴ Tratam-se de processos que se tornaram evidentes por toda a parte do interior nesse período: veja-se, por exemplo, Dias, 1997

⁶⁵ Trata-se de um efeito geral em todo o continente africano no século XIX: veja-se, por exemplo, Klein, 1971.

⁶⁶ Por exemplo, ao que parece, os Lwena e Lovale não incorporaram mulheres de outros grupos africanos nas suas aldeias, preferindo antes de vendê-las aos Ovimbundu: Papstein, 1978.

⁶⁷ Veja-se, por exemplo, Areia, 1985, p. 193. Outras sociedades africanas onde os relatos europeus registam procura de escravos nesse período incluíram, por exemplo, os Vili (Mubiri), mais a norte, os Imbangala, e os Luboko e Haku, ao sul do Kwanza: veja-se, por exemplo, Livingstone, 1857, pp. 419, 447. Dias, 1997.

⁶⁸ Carvalho, 1890/94, IV, p. 745

A procura de escravos por parte dos Cokwe e de outras sociedades africanas era favorecida pela redução drástica do tráfico transatlântico a partir dos meados do século XIX, que produziu uma queda abrupta de preços dos escravos acumulados nas aldeias dos principais fornecedores africanos, nomeadamente os Estados Ruwund, Kasanje, Matamba e outros intermediários da zona do Kwango. Esta situação, juntamente com os altos preços de marfim em Luanda, Benguela ou Ambriz, tornou cada vez mais lucrativa aos sertanejos portugueses e outros grupos intermediários, satisfazer essa procura de escravos por parte das próprias sociedades africanas do interior, de tal forma que, na segunda metade do século, os escravos se tornaram a moeda de troca principal nas transacções comerciais do marfim⁶⁹. Deste modo, dentro de pouco tempo, os escravos voltaram a ser a principal exportação do Estado Ruwund, sobretudo à medida que o marfim escasseava⁷⁰. Pela sua parte, os Cokwe parecem ter privilegiado a compra de mulheres e crianças Aruwund, reforçando, assim, os laços históricos e mitológicos que os ligava ao Ruwund. Souberam garantir a lealdade dessas mulheres, tratando-os bem e “...nunca as vendendo, tal como não vendem os filhos que têm com elas...”⁷¹. Assim, os Cokwe fortaleceram, progressivamente, o seu poder reprodutivo e militar à custa do Estado Ruwund que se encaminha, cada vez mais, para a dissolução.

Essa expansão do tráfico de escravos interno estava proximamente ligada, ainda, com o desenvolvimento de novos e mais complexos sistemas de comércio centrados na rota que se dirigia, em direcção nordeste, para além do rio Kasai através da capital de Kalamba, no território dos Bena Lulua e Baluba, produtores, tais como os Cokwe, de marfim e de borracha⁷². Este caminho, aberto, nos anos 1860, pelos caçadores Cokwe⁷³, transformou-se, rapidamente, na rota principal de todas as caravanas que percorriam o interior de Angola, ultrapassando em importância as duas rotas paralelas, mais antigas, que ligavam o comércio europeu de Bié e de Kasanje à Musumba, a capital do Estado Ruwund. Assim, na segunda metade do século, tornou-se prática geral das caravanas de comércio portuguesas, oriundas de Mbaka ou do Bié, fazer

⁶⁹ Veja-se os comentários de Carvalho, 1890/94, I, p. 272; II, p. 272; IV, p. 745

⁷⁰ Miller, 1970, p. 194. Por sua vez, o principal recurso dos agricultores portugueses, protagonistas da nova economia colonial de plantação nos distritos de Luanda ou de Moçamedes continuou a ser a mão-de-obra escrava resgatada por comerciantes portugueses às autoridades africanas do interior, em especial as do Estado Ruwund ou das terras de Njinga. Alias, na década de 1850, teria sido mais barato comprar ou resgatar um escravo nessas regiões para 15\$000 do que gastar, anualmente, 18\$000 no salário de um carregador; como era exigida pela lei. No terceiro quartel do século XIX muitos dos escravos empregados nas empresas coloniais do sul de Angola ou nas plantações de S. Tomé eram vítimas de guerras ou assaltos africanos. Entre as populações africanas mais afectadas neste período incluíam-se os chamados “Ngangela”, cujas aldeias dispersos e isolados, eram muito vulneráveis ao ataque por parte de grupos de guerreiros Ambo ou Cokwe vizinhos: sobre isso veja-se Dias, 1998.

⁷¹ Carvalho, 1895, p. 858; 1890, p. 711

⁷² Livingstone, 1963, p. 245

⁷³ Os caçadores e aldeias Cokwe começaram a expandir a partir do “Quiboco” para a margem direita do rio Kwango e terras do chefe Ruwund, Mona Kimbundu (Quimbundu), nos finais da década de 1850. Mas foi só nos meados dos anos 1860 que os caçadores Cokwe atravessaram aquele rio, penetrando nos territórios dos Bena Lulua e Luba: veja-se Carvalho, 1891, p. 11. Miller, 1970, pp. 182-183

uma primeira escala na Bena-Lulua, mais ao norte, ou em terras como as dos Lwena, mais ao sul⁷⁴. Nestes sítios, os líderes das caravanas trocavam mercadorias europeias importadas, junto com produtos da terra, tais como panos, enxadas, ou sal, para homens e mulheres escravizados. Deste modo, elas obtiveram os meios necessários para comprar o marfim não só aos caçadores e produtores Cokwe, mas também às autoridades políticas dos grupos Luba e Kuba, a nordeste do rio Kasai, onde existia, igualmente, uma forte procura de escravos⁷⁵. Pela sua parte, os caçadores Cokwe que penetraram nas terras dos Bena Lulua e Baluba, também se empenharam progressivamente, a partir da década de 1860, no comércio e no transporte dos produtos de exportação colonial, organizando as suas próprias caravanas, que muitas vezes se transformaram em simples grupos de pilhagem⁷⁶. Entre as décadas de 1870 e 1890, nas terras muito longínquas do Kasai, as pequenas caravanas de caçadores Cokwe deram lugar, cada vez mais, a caravanas maiores e mais complexas, por vezes, de centenas de carregadores, incluindo mulheres e crianças⁷⁷. Elas concorreram com outros grupos rivais de intermediários africanos, entre eles os Mbangala⁷⁸, MaSongo e Ovimbundu, trocando sal, espingardas e outras importações europeias por marfim, escravos, e, mais tarde, borracha, que transportaram até aos mercados coloniais na costa atlântica⁷⁹. A expansão deste comércio foi assinalada pela abertura pelas caravanas cokwe de uma nova rota saindo da capital da Kalamba em direcção a sudoeste, através de Mai Munene, para Kassanje, onde se encontravam os agentes do comércio colonial.

O desenvolvimento do comércio e das comitivas africanas, incluindo as dos Cokwe, influenciou a redução da circulação de caravanas de comércio europeias entre a colónia portuguesa e as regiões mais a leste. Para esta situação também contribuiu a decisão portuguesa, nos finais da década de 1860, de se retirar militar e administrativamente do interior, o que levou à retirada também das principais casas comerciais portuguesas de Kasanje e do Kwango⁸⁰. O afastamento progressivo dos elefantes do hinterland da colónia portuguesa por sua vez desanimou o comércio de caravana português, levando ao abandono temporário do Bié. Na década de 1870, a insegurança ocasionada pela desintegração política de Kasanje, em especial a hostilidade dos Mbangala, voltaram a impedir a passagem dos comerciantes portugueses além

⁷⁴ Arnot, 1889, p. 81

⁷⁵ Carvalho, 1891, p. 55; Pogge, 1880, p. 52, citado em Miller, 1970, p. 184

⁷⁶ Capelo e Ivens, 1881, I, p. 292

⁷⁷ Informações sobre o tamanho e a composição das caravanas Cokwe entre as décadas de 1860 e 1880 são fornecidos por Silva Porto, por Henrique de Carvalho e pelos viajantes alemães Schütt, Pogge e Wissman: vejam-se, por exemplo, os dados citados em Henriques, 1998, pp. 613, 616; Miller, 1970, p. 184; Bastin, 1961, pp. 28-29.

⁷⁸ Veja-se Capello e Ivens, 1881, I, pp. 274-282 para uma descrição da organização e dos métodos do comércio de caravana Mbangala por volta de 1880. Veja-se, também, Carvalho, 1890/94, I, pp. 271-274; II, pp. 348-49.

⁷⁹ Capello e Ivens, 1881, p. 225. O viajante inglês, Cameron, também encontrou uma caravana composta de mais de 700 carregadores cokwe, ovimbundu e lwena, cada grupo mantendo-se separado dos outros, excepto quando era necessário cooperar mutuamente na defesa ou em ofensivas colectivas da caravana: Camero, 1885, pp. 327, 364, 375-76; Miller 1970, p. 185.

⁸⁰ Ver a notícia publicada por Costa no Boletim Oficial do Governo Geral da Província de Angola (BOGGPA), 1870, 8, 19 de Fevereiro. O desaparecimento do marfim do hinterland da colónia portuguesa é referido no jornal luandense, *A Civilização da África Portuguesa*, no. 59, 29/3/1868

Kwango. Em contrapartida, do ponto de vista dos próprios Mbangala, a fragmentação do poder centralizado do Estado de Kasanje liberalizou o comércio, favorecendo processos de fissão social e política internos conducentes à fundação de novas povoações e aldeias com base nas escravas acumuladas e financiadas através dos lucros comerciais – uma situação bem visível para os viajantes europeus em Kasanje em princípios da década de 1880. Semelhantes processos produziram efeitos ainda mais imprevisíveis entre os Cokwe, dando lugar a uma expansão territorial e militar de grande envergadura, com consequências dramáticas para a região.

7.A expansão territorial das aldeias Cokwe

Datavam pelo menos dos finais da década de 1850 as primeiras migrações de aldeias e famílias fora do Ciboku, acompanhando os movimentos dos caçadores e das caravanas em direcção ao norte, para a margem direita do rio Kwango, e para as terras do representante político Ruwund, *Mona Kimbundu*⁸¹. Uma década mais tarde esse movimento tinha-se transformado numa migração lenta mas maciça de aldeias inteiras em direcção não só a norte mas, sobretudo, ao sul, para uma região relativamente vazia, de pouca população. A migração continuava até ao século XX, sendo uma realidade dinâmica que determinou o mapa étnico desenhado por Ferreira Diniz em 1914 (Fig. 1).

Como interpretar esse fenómeno? De facto, desde o século XIX, os motivos dessa migração Cokwe têm sido objecto de muito debate e especulação. Tratava-se de uma deslocação determinada pela simples perseguição das manadas de elefantes, como pretendia o explorador português oitocentista Henrique de Carvalho? Era simplesmente para fugir à seca e à epidemia, como sugere Marie-Louise Bastin?

Será que a migração resultou fundamentalmente de tendências históricas para a fissão social, alimentadas por ambições individualistas de fundar novas unidades familiares autónomas com as escravas compradas através do comércio, como salientam, por exemplo Joseph Miller e Manuel Laranjeira Rodrigues de Areia? Ou será que se tratava, desde logo, de uma estratégia política colectiva e deliberada para se libertarem do controlo do império Ruwund, dominando e “eliminando” Musumba, como afirma Isabel Castro Henriques?⁸²

É razoável supor que todos esses motivos teriam influenciado, a diferentes níveis e em diferentes momentos, a migração cokwe, sendo impossível, no entanto, distinguir motivos comerciais de motivos políticos pelo simples facto que a situação dos Cokwe não era, de maneira nenhuma, homogénea. Ao nível mais geral, parece evidente que a acumulação e a incorporação nas aldeias Cokwe de crescente número de escravas, obtidas, desde os meados do século, a partir de trocas comerciais do marfim, ou de *raids* contra outras populações do interior, teriam alimentado tendências mais antigas,

⁸¹ Cavalho, 1898, pp. 223-224; Henriques, 1997, pp. 601-602, basdeando-se nas informações fornecidas pelos exploradores alemães Schütt e Buchner em 1878 e 1879.

⁸² Henriques, 1997, pp. 602-603

sempre presentes, de fissão social e política, dando lugar constantemente a novas unidades familiares e políticas autónomas. Por sua vez, as pressões demográficas resultantes do aumento dessa população escrava foram, sem dúvida, agravadas por uma sucessão de crises, excepcionalmente severas, de seca e fome, seguidas por epidemias de varíola, que assolavam toda a costa e interior de Angola entre 1857 e 1863 e ainda durante a década de 1870, levando a fugas e migrações de população em várias zonas do território⁸³. Os Cokwe encontrados pelo explorador Serpa Pinto entre os Luchazi nos finais desta década afirmaram ter emigrado fora das terras de Ciboku e de Alto Cikapa para fugir à doença e também por causa da falta de caça nessa região⁸⁴. É difícil escapar da conclusão que foram esses os factores determinantes que levaram muitas famílias Cokwe a saírem, inicialmente, fora das suas terras de origem. Mas a mobilidade dessas unidades familiares Cokwe foi fortemente influenciada também pelo desejo de estabelecer contactos directos com o comércio europeu, o que é demonstrado pela sua presença, nos princípios da década de 1860, na margem direita do rio Kwango, frente à feira de Kasanje⁸⁵. Por sua vez, novas iniciativas, no sentido de aproveitar a crescente procura europeia de borracha, teriam influenciado a maior velocidade da migração dos Cokwe a partir de 1870. Sem dúvida que foi esse comércio que proporcionou aos Cokwe os meios para abalar as autoridades políticas Ruwund que há três séculos lhes impuseram tributos. Mas parece altamente especulativo, sem outras informações, falar da existência de um projecto político colectivo de esmagar o poder do Estado Ruwund, atribuindo a ele a primazia em termos de motivo para a deslocação e expansão Cokwe⁸⁶.

As exportações coloniais de borracha iniciaram-se a partir de Benguela nos finais da década de 1860. Atingiram quantidades significativas na década de 1870 e, em 1886, o seu valor ultrapassou o total do valor das exportações de cera e de marfim⁸⁷. A maior parte das primeiras exportações de borracha foi produzida pelos Cokwe a partir da seiva de trepadeiras e de árvores, nas mesmas florestas do Ciboku e do Alto Cikapa que produziam a cera de abelha. No entanto, a borracha rapidamente desapareceu dali devido à destruição dessa fonte florestal, obrigando à deslocação de pessoas mais ao norte e ao sul, em busca de novas zonas de exploração. Continuando a migração iniciada já na década de 1860, famílias Cokwe penetraram nas galerias florestais, pouco habitadas, ao norte e ao sul, infiltrando-se nas terras dos Aruwund e dos Luchazi respectivamente. Tratava-se de um movimento progressivo, embora fragmentado e disperso, de aldeias fundadas independentemente umas das outras⁸⁸. Uma vez estabelecidas, as suas aldeias cresciam rapidamente através da incorpora-

⁸³ Ibid. Sobre as epidemias de Angola neste período, veja-se Wheeler, 1964, pp. 356-357. Para uma análise detalhada da articulação entre os desastres ecológicos e as actividades coloniais entre os séculos XIX e XX, veja-se Dias, 1981

⁸⁴ Pinto, 1880, I, p. 234

⁸⁵ Carvalho, 1998, pp. 223-224

⁸⁶ Cf. Henriques, 1997, p. 663

⁸⁷ Childs, 1949, pp. 205, 208

⁸⁸ Pinto, 1881, Vol. I, p. 234

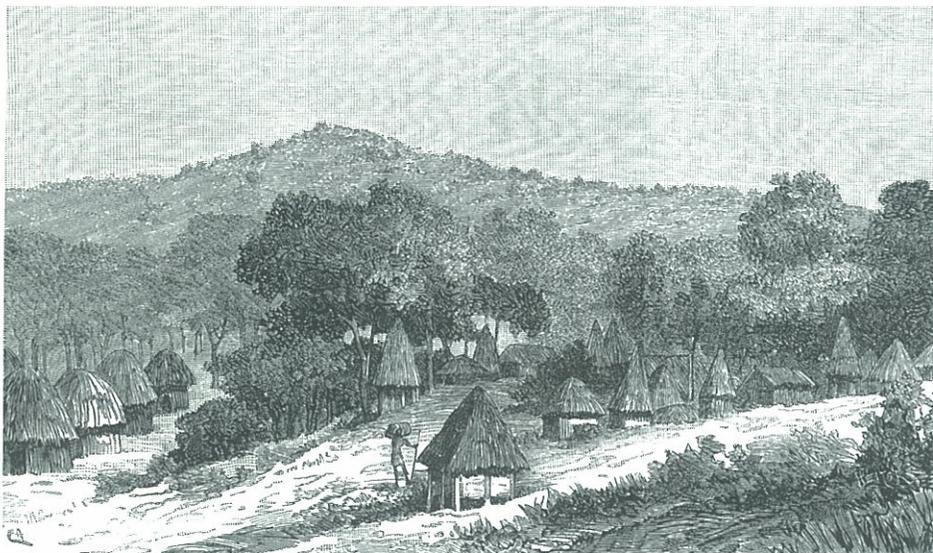


Fig. 5 "...A povoação dos Quiocos... de tal modo se destacava do que até então conhecíamos que não resistimos ao desejo de esboçá-la na nossa carteira de viagem; e como não fosse trivial a construção de casas sobre pontalotes, disseram-nos os da povoação a quem interrogámos, ser isso necessário, porque no tempo das grandes chuvas acodem ao sítio as águas e enchurradas ficando o solo pastoso por muitos dias e no tempo secco porque abundam os ratos que tudo estagam..."

Carvalho, 1890/94, II, pp. 302-303

ção e rápida assimilação cultural, de mulheres de outros grupos vizinhos, em particular as mulheres Aruwund⁸⁹. O "boom" da borracha favoreceu o movimento migratório de aldeias inteiras, uma vez que a recolha e a preparação de borracha, em contraste com a caça, constituía uma actividade partilhada pelas mulheres e crianças, que assim acompanhavam os homens em busca do mesmo produto.⁹⁰ Inicialmente bem-vindos nas terras dos Aruwund, devido não só à sua habilidade como caçadores e ferreiros⁹¹, como também à sua tendência para se estabelecer em zonas florestais e montanhosas não habitadas, adaptando a construção das suas casas ao meio ambiente ecológico (Fig. 5), a presença Cokwe se tornou cada vez mais violenta com a intensificação desse movimento migratório nas décadas de 1870 e 1880.

Apesar dessas transformações económicas e da sua rápida expansão demográfica e territorial, parece evidente que os habitantes dessas aldeias migratórias, sem perder a sua autonomia, mantinham a consciência colectiva da sua identidade histórico-cultural Cokwe, expressa através dos seus mitos de origem e de outras marcas culturais, tais como as artes de escultura e metalurgia⁹². É provável que essa identidade colectiva fosse reforçada ainda através de rituais complexos de culto religioso, universais entre os Cokwe no século XX, em torno dos *mahamba*⁹³. Com efeito, a migração Cokwe era uma migração coesa, em que as aldeias nunca perderam contactos umas com as outras. É evidente dos relatos de exploradores tais como, por exemplo Capelo e Ivens que, não obstante as suas tendências para a fissão social e política, grande parte dos Cokwe não só do Ciboku e Alto Cikapa, mas também dos novos territórios povoados pelos migrantes mais a nor-

⁸⁹ Carvalho, 1890, p. 487

⁹⁰ Miller, 1970, p. 187

⁹¹ Torday, 1925, p. 271

⁹² Henriques, 1997, p. 604

⁹³ Entre os Cokwe, na década de 1950, o termo *hamba* se aplicava a um grande número e diversidade de objectos considerados a ser imbuídos com diferentes categorias de força ou poder sobrenaturais, originando nos antepassados: veja-se Lima, 1971, p. 79

deste, ainda mantinha, nos finais da década de 1870, grande respeito pelos seus chefes políticos regionais. A importância dessas autoridades políticas entre os Cokwe é evidente na imagem de um “Muata’do T’Chiboco” (Fig. 6), fornecido por Capello e Ivens. Em 1877, o chefe Cokwe *N’Dumba-Tembo*⁹⁴ (Fig 7), “... homem elegante, de figura distinta, typo inteligente, ar nobre e maneiras delicadas...”, recebeu os dois europeus diante um enorme cortejo, com grande cerimónia, dizendo que “...Os meus domínios são tão grandes, que se estendem daqui a Catende e para o norte até Quimbandu; nelles só eu governo. A mim tudo obedece”⁹⁵. Pouco depois, em 1879, outro viajante europeu, o alemão Max Büchner, refere-se à existência de três grandes titulares políticos Cokwe- *Mona Ndumbo a Tembo, Mona Kiniama* ou *Mushiku*, e *Mona Kissenge* – triunvirato esse que ainda dominava politicamente todos os Cokwe do nordeste angolano na década de 1950⁹⁶.

Nessa data, a ocupação progressiva de territórios a norte e ao sul do Ciboku assegurava aos Cokwe a hegemonia comercial a leste dos rios Kwango e Kwanza. Os seus chefes políticos impediam a livre circulação de caravanas de comércio coloniais a leste do Kwango, bloqueando a passagem dos rios e caminhos, e exigindo *milongas* e direitos de passagem excessivos a outros grupos de comerciantes africanos. Praticavam razias violentas contra as caravanas que se opuseram a essas exigências, aproveitando-se das cargas abandonadas e retendo ou vendendo como escravos, os carregadores capturados⁹⁷. Em 1878, os Cokwe estabelecidos em Kimbundu ainda pagavam tributos ao chefe Ruwund, *Mona Kimbundu*⁹⁸. Porém, a marginalização comercial e crescente pobreza do Estado



Fig. 6

⁹⁴ De acordo com Capello e Ivens (1881, I, p. 161), “Tembo aqui significa príncipe, e na região dos lagos parece designar elefante..”

⁹⁵ Capello e Ivens, 1881, I, pp. 161-164. Ndumba Tembo “...Trajava um panno de riscado preso á cinta por uma correia, tendo suspensa adiante pequena pelle de antelope. Casaco de fazenda escuro, coberto de quadradinhas bordados a cassungo... Uma coroa de latão, como a dos monarcas da Europa.... cingia-lhe a fronte, tendo na parte inferior uma fita bordada a missanga de côres. Pendia-lhe do pesçoço exótico collar; onde figuravam dois búzios(*Cyprea moneta*) e um pequeno chifre de antilope. Os seus dedos, guarnecidos de aneisde latão, terminavam por longas unhas do mesmo metal...”. Marie Louise Bastin recorda que Ndumba significa leão: Bastin, 1994, p. 41.

⁹⁶ Lima, 1971, p. 58, citando Büchner, 1883, p. 3761

⁹⁷ Carvalho, 1890/94, IV, p. 745, III, p. 89. Santos, 1981, p. 67. Os exploradores Roberto Ivens e Hermenegildo Capello também afirmam que os Cokwe fingiam, perante as populações africanas do interior; ser eles próprios os produtores das mercadorias europeias que levavam nas suas caravanas: Capello e Ivens, 1881.

⁹⁸ Bastin, 1961, p. 26, citando Schütt (1881).



Fig. 7 "...Trajava um panno de riscado preso á cinta por uma correia, tendo suspensa adiante pequena pelle de antelope. Casaco de fazenda escuro, coberto de quadradinhas bordados a *cassungo*... Uma coroa de latão, como a dos monarchas da Europa... cingia-lhe a frente, tendo na parte inferior uma fita bordada a missanga de côres. Pendia-lhe do pesçoço exotico collar, onde figuravam dois buzios (*Cyprea moneta*) e um pequeno chifre de antilope. Os seus dedos, guarnecidos de aneis de latão, terminavam por longas unhas do mesmo metal..."

Capello e Ivens, 1881, I, pp. 161-164.

Ruwund mais a leste tornou o *Mwant Yaav* e a sua população cada vez menos capazes de resistir às incursões dos Cokwe, que já se encontraram entre as mais numerosas e poderosas das formações sociais e políticas apoiadas pelo comércio colonial a leste do Kwanza.

8. "Senhores da Guerra"

Na década de 1880, a escassez progressiva de recursos causada pela destruição sistemática dos elefantes e das árvores de borracha, levando à concorrência, cada vez mais intensa, entre os numerosos grupos de produtores e intermediários africanos que operavam além dos rios Kasai e Kwanza, gerou grande insegurança e violência entre as sociedades dessa região. Aumentou-se a prática das incursões e pilhagens contra as populações do Kasai, da Lunda e das outras regiões mais a leste. Os Cokwe, juntamente com os Lovale e Lwena da região de Ngangela⁹⁹ emergiram como os principais assaltantes dessa zona, transformando-se em guerreiros que assaltaram e aterrorizaram a população em busca de escravos e alimentos. Os Ovimbundu e Mbangala, que antes tinham assaltado essas populações para escravos agora preferiram obtê-los em troca de armas de fogo, o que contribuiu para aumentar a violência através da região, tornando-se especialmente notórias, neste período, as correrias escravagistas dos Cokwe. As caravanas de comércio Cokwe tornaram-se, cada vez mais, grupos de salteadores. Os poucos viajantes europeus que atravessaram essa zona na década de 1880 referem a presença de caravanas de guerreiros cokwe, às vezes compostas de centenas de homens, que viviam de pilhagem, caindo sobre aldeias indefesas, ou roubando outras caravanas de comércio. A superioridade dos Cokwe baseava-se na sua posse de armas de fogo, permitindo-lhes aterrorizar as populações do Kasai, onde as mesmas armas eram, ainda, relativamente escassas. Altamente móveis e organizados, os Cokwe operavam a partir de campos de guerra, dos quais foram saindo patrulhas em busca de mantimentos e mulheres¹⁰⁰.

⁹⁹ Sobre os raids escravagistas dos Lovale contra os Aruwund e Aruwund (Lunda)-Ndembo, veja-se Papstein, 1978, pp. 179-190.

¹⁰⁰ Carvalho, 1890, pp. 472-73. para outras fontes veja-se Miller, 1970, pp. 190-191

A principal vítima política dessa violência foi o Estado Ruwund. Com a abertura da nova rota ao Kasai, Musumba ficou cortada do comércio externo de borracha e cera uma vez que as caravanas já não se dirigiam para o *musumb* do *Mwant Yaav*. Com efeito, nos finais dos anos de 1870, os Cokwe impediram os contactos entre o *musumb* e os agentes das firmas portuguesas estabelecidas em Mona Kimbundu, o posto oriental mais avançado, desde a década de 1840, do comércio português, fundado pelo *Mwant Yaav* para impedir os Cokwe de impor o seu controlo sobre a rota principal de Kasanje para o Estado Ruwund ¹⁰¹. Este entrou em declínio económico, a sua população visivelmente mais pobre, comparada com as aldeias Cokwe da mesma zona. A situação foi exacerbada, ainda, pelos conflitos dinásticos internos os quais levava à desintegração do antigo “império” ¹⁰². Em 1875, os Cokwe ajudaram a instalar um pretendente no título de *Mwant Yaav*, em troca do direito de pilhar e capturar escravos. Daí em diante, os Cokwe tornaram-se mercenários dos diferentes candidatos políticos rivais entre os Aruwund, reunindo grandes grupos de guerreiros com a promessa de pilhagem e aquisição de mulheres ¹⁰³.

A partir desse momento, uma nova geração de guerreiros cokwe parece ter-se transformado em chefes políticos, utilizando a guerra como meio de conseguir o poder político. O conflito e a violência alastrou-se até que, nos meados da década de 1880, uma série de batalhas entre as forças do *Mwant Yaav* e os Cokwe acabará na derrota decisiva daquele. Em 1885, os guerreiros Cokwe saquearam o *musumb*, entregando-se, depois, ao saque geral das aldeias e escravos Ruwund ¹⁰⁴. A derrota final deu-se durante a expedição colonial para o leste angolano do Major Henrique Dias de Carvalho, que partiu para Malange, em 1884, tendo, como objectivo, criar uma cadeia de estações ou acampamentos em direcção ao *musumb* do *Mwant Yaav*, de modo a afirmar a ocupação portuguesa daquela região. Em 1886, Carvalho atravessou o rio Kasai, concluindo, em Janeiro de 1887, um novo tratado de vassalagem com o *Mwant Yaav* interino, Mukanza ¹⁰⁵. O ano de 1890 marcou o auge da expansão dos *raids* e do comércio Cokwe contra o Estado Ruwund. Nos anos seguintes, sofreram uma série de reveses até que, em 1898, os Aruwund, reunidos sob a liderança do *Mwant Yaav* Mushid e o seu irmão Kawel, conseguiram expulsar os guerreiros Cokwe do coração do “império” ¹⁰⁶. No entanto, na primeira década de 1900, os Cokwe continuavam a movimentar-se além do rio Kasai, nas terras dos Kuba, prosseguindo, com violência, os seus apetites escravagistas, não obstante a presença belga ¹⁰⁷.

¹⁰¹ Carvalho, 1890, p. 143. Idem., 1890, pp. 556-560

¹⁰² Para a história da política interna Ruwund neste período, veja-se, por exemplo, o estudo de Kananpumb, 1973, pp. 25-50

¹⁰³ Carvalho, 1890, p. 487

¹⁰⁴ Para uma descrição destes acontecimentos, veja-se Carvalho, 1890, especialmente pp. 599-602, 626-647, 651-56

¹⁰⁵ Duysters, 1958, p. 94, citado por Pélissier, 1986, I, p. 355

¹⁰⁶ Duyster, 1958, p. 98, citado por Pélissier, 1986, I, p. 372

¹⁰⁷ Bastin, 1961, pp. 28-29

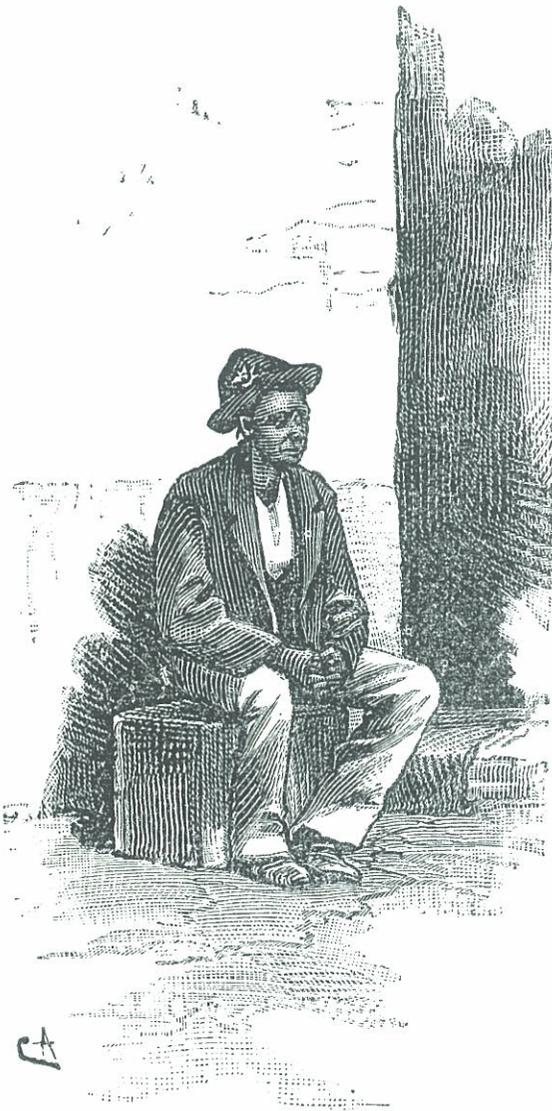


Fig. 8 "Um negociante Quioco"

9. O fim da autonomia económica e política Cokwe

A crescente afluência das comitivas africanas, entre elas a dos Cokwe, para a colónia portuguesa a partir da década de 1870 transformou algumas das antigas feiras e entrepostos comerciais do interior em empórios urbanos muito movimentados. Em especial Malanje, fundada em 1857, transformou-se, depois do abandono da feira de Kasanje, no principal entreposto comercial do interior do continente para as firmas europeias estabelecidas em Luanda. Na década de 1880, o comércio de Malanje apoiava cerca de 20 estabelecimentos de maior dimensão, com casas filiais que se estendiam na baixa de Tala Mugongo e mesmo na feira de Kasanje. Os membros das caravanas Cokwe, Mbangala ou Ovimbundu negociavam com os representantes dessas firmas a venda de borracha e de escravos em troca de bens europeus importados. Também trocaram borracha e escravos por aguardente fabricada por comerciantes *ambaquistas* que migraram para Malanje para interceptar e organizar o comércio de borracha e de escravos afluindo do interior mais a norte e a leste para a costa atlântica¹⁰⁸. Inevitavelmente, esses contactos favoreceram uma maior europeização dos negociantes africanos que se dirigiam a esses centros, incluindo os Cokwe. De acordo com Silva Porto, sempre que contactaram com os comerciantes europeus para lhes propor algum negócio, os Cokwe vestiam as suas melhores roupas europeias, incluindo chapéus e sapatos¹⁰⁹. A europeização do vestuário dos negociantes Cokwe na década de 1880 é também registado por Henrique de Carvalho (Fig. 8)¹¹⁰. Mesmo concordando que o uso de roupas europeias representava um comportamento pontual e ritualizado, servindo para estruturar as relações Cokwe com o comércio europeu¹¹¹, esse comportamento é também indicativo de um processo de crescente diferenciação interna provocada pela sua interacção com o comércio e a cultura europeus. Neste contexto, a imagem do Cokwe como caçador e guerreiro,

¹⁰⁸ É possível que esta migração contribuiu para o notável declínio de população e redução da importância económica do próprio distrito de Ambaca, antes o distrito colonial mais rico em escravos e gado: ver, por exemplo, Capello e Ivens, 1881, II, p. 3. Carvalho, 1890, p. 188

¹⁰⁹ Henriques, 1997, p. 619, citando Porto, 1885, pp. 169, 603 e 612; Id., 1886, p. 316

¹¹⁰ Carvalho, 1890.

¹¹¹ Henriques, 1997, p. 618

exemplificado pelo magnífico desenho de Capello e Ivens (Fig. 9) representa só uma das possíveis imagens de uma sociedade cada vez mais complexa.

Do ponto de vista do comércio e do governo colonial português, o afastamento progressivo das fontes do marfim e da borracha para o interior do continente africano e a presença alemã na região tornavam cada vez mais urgente desbloquear os caminhos e ocupar o território além-Kwango¹¹². Passo importante foi a reocupação militar de Kasanje, em 1883¹¹³. Nos anos seguintes, verificou-se a proliferação dos estabelecimentos comerciais portugueses entre Malange e o rio Kwango. Pela sua parte, o governo português encarava este processo como a forma melhor e menos dispendiosa não só de garantir a afluência do comércio Mbangala e Cokwe à colónia portuguesa, como também de conseguir o avanço pacífico da ocupação colonial do interior¹¹⁴. Porém, entre 1890 e 1920, a pressão da concorrência belga na Lunda e as reclamações inglesas de soberania na região dos *Ngangelas*¹¹⁵ obrigaram os portugueses a consolidar as fronteiras de Angola e a impor, à força, a presença política e administrativa portuguesa nessas áreas. Nas décadas de 1900 e 1910, uma série de expedições militares alcançaram o domínio português sobre as regiões produtoras de borracha e as redes de comércio locais do leste de Angola contra a resistência violenta das autoridades políticas africanas, em especial entre as populações Cokwe que antes dominavam o comércio de borracha nas bacias do Kwilo e do Kasai¹¹⁶.

Com a sua incorporação progressiva dentro do novo Estado colonial, a autonomia económica e política dos Cokwe terminou. Para isto contribuiu decisivamente também o colapso dos preços internacionais da borracha, em 1913, que efectivamente pôs fim à grande era de exploração europeia mercantil de matérias-primas, juntamente com as oportunidades de resposta económica africana.



Fig. 9 "...É um caçador de T'chiboco, alto, esguio, secco e nervoso, de simbólicas pennas e chifre na cabeça, longa pera, emendada com cabelo alheio, tendo no extremo uma chapa de latão, suspensa por correia, a que se acham ligadas duas pelles de chacal ou de hyena, um *n'djabite*, *m'poco*, *m'peixe*, *butessa*, *n'benze* e *bango*, terminando por manilhas nos pulsos e tornozelos..."

Capello e Ivens, 1881, I, pp. 193-194

¹¹² Carvalho, 1890/94, I, p. 362

¹¹³ AHU, Angola, 1ª Repartição, pasta 3, ofício "Relatório do governador Geral de Angola referido ao anno compreendido entre o 1º de Setembro de 1882 e igual dia e mez do anno de 1883", publicado em Oliveira e Couto eds., 1968, .I, pp. 662-63; AHU, Angola, 1ª Repartição, pasta 4, ofício no.467, do gov. geral, de 14/9/1884, com os documentos anexos, publicados em Oliveira e Couto, eds., 1971, II, pp. 261-263.

¹¹⁴ Carvalho, 1898, p. 301

¹¹⁵ Baker, 1905, pp. 201-204, citado por Papstein, 1978

¹¹⁶ Para as fontes e uma cronologia detalhada das operações militares e resistências africanas no leste de Angola, veja-se, sobretudo Pélissier, 1986, I, pp. 361-397

No seu lugar, os empreendimentos criados pela crescente presença, na África Central, de capital industrial europeu, exigiam sobretudo trabalhadores. Daí em diante, as actividades económicas cokwe passaram a ser esmagadoramente subordinadas aos interesses agrícolas e industriais coloniais. A descoberta de diamantes no novo distrito da Lunda, em 1912¹¹⁷, e a formação, cinco anos depois, em 1917, da Diamang pela Companhia de Pesquisas Mineiras de Angola, acelerou a subjugação económica e política dos Cokwe para o nível de serventes. Para a exploração manual das minas de diamantes seria necessário o recrutamento forçado, anualmente, de milhares de trabalhadores. Contra esta nova realidade, alguns grupos de Cokwe ofereceram uma resistência guerreira fragmentada e episódica que foi finalmente apagado pelas colunas militares portuguesas nos meados da década de 1920. Para fugir aos impostos e ao trabalho forçado, grande número de Cokwe, Luchazi, Mbunda, Luvale e Ndembu migraram do leste de Angola para a Rodésia do Norte, onde a incipiente administração inglesa se encontrava temporariamente mais fraca do que a portuguesa. Outros evitaram o trabalho das minas arriscando-se na lucrativa actividade de contrabando de diamantes¹¹⁸. Outros ainda refugiaram-se no vasto sertão, subsistindo longe de quaisquer contactos europeus para além da década de 1940¹¹⁹.

Bibliografia

- AREIA, M.L. Rodrigues de,
1985. *Les symboles divinatoires*, Coimbra: Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra
- ARNOT, F.S.,
1889. *Garengaze*, Londres
- AUSTIN, R.,
1987. *Africa in Economic History*, Londres: James Currey
- BAKER, E.,
1905. "Barotse Boudary Award", *Geographical Journal*, pp. 201-204
- BAPTISTA, Pedro João,
1843. "Viagem de Angola para rios de Senna"
- BASTIN, M.L.,
1961. *Art decorative Tshokwe*, Lisboa: Companhia dos Diamantes de Angola, 2 vols.
1966. *Tshibinda Ilunga: Herós civilisateur*, Université Libre de Bruxelles, dissertação de doutoramento
1982. *La sculpture Tshokwe*, France Mendon, s.l., Alain e Françoise Chaffin
1974. "Le haut-forneau 'Lutengo': operation de la fonte du fer et rituel chez les Tshchokwe du nord de la Lunda (Angola)", *Memoriám António Jorge Dias*, vol.3, pp. 59-69

¹¹⁷ Diamantes foram descobertos por prospectors pela primeira vez em 1912: Veja-se Companhia de Diamantes de Angola (Diamang), 1963, p. 11

¹¹⁸ Freyburg, 1935, citado por Pélissier, 1986, I, p. 396

¹¹⁹ Veja-se Redinha, 1955, I. Pélissier, 1986, I, p. 397.

- BIRMINGHAM, D.,
 1965. "The Date and Significance of the Imbangala Invasion of Angola", *Journal of African History*, Londres, vol.6, no.2, pp. 143-152
 1970. *Central Africa*, Cambridge: Cambridge University Press
- BÜCHNER, M.,
 1882. "Über seine Reise in das Lundareich"(1879-1882) *Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin*, IX
- BÜCHNER, M.,
 1883. *Das Reich des Mutiamvo und seine Nachbarländer*, Duit: George Blätter, vol.6
- CAMERON, V.L.,
 1885. *Across Africa*, Londres
- CAPELLO, H. e IVENS, R.,
 1881. *De Benguella às Terras de Iacca*, 2 vols., Lisboa: Imprensa Nacional
- CARVALHO, H. Dias de,
 1890/94. *Descrição da Viagem à Musumba de Muatiánvua*, 4 vols., Lisboa: Imprensa Nacional
 1890. *Ethnographia e História Tradicional de Lunda*, Lisboa: Imprensa Nacional
 1891. *O Lubuco: Algumas Observações sobre o livro do Sr.Latrobe-Bateman*, Lisboa
 1898. *O Jagado de Cassange na Província de Angola*, Lisboa
- CHILDS, G.M.,
 1949. *Umbundu Kinship and Character*, Londres
- COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA (DIAMANG),
 1963. *A Short Report on its Work in Angola*
- DERRICOURT, R. & PAPSTEIN, R. J.,
 1977. "Lukolwe and the Mbwela of North-Western Zambia", *Azania*, XI, pp. 169-176
- DIAS, G. de Sousa,
 1938. "Viagem a Cassange nos meados do século XVIII", *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, vol.56, nos 1-2, pp. 3-30
- DIAS, Jll,
 1998. "Angola", em V. Alexandre e J. Dias, cords., *O Império Africano c.1825-1890*, Lisboa: Editorial Estampa, pp. 319-556
 1997. Mudanças nos padrões de Poder no *Hinterland* de Luanda: O Impacto da Colonização sobre os Mbundu (c.1845-1920), *Penélope*, 14, Lisboa, pp. 43-91 (versão inglesa publicada na revista *Paideuma* do Instituto Frobenius, Frankfurt, no.32, 1985)
 1981. "Famine and Disease in the History of Angola, c.1830-1930", *Journal of African History*, XXI, 3, pp. 349-78
- DUYSTERS, Léon,
 1958. "Histoire des Aluuanda", *Problèmes D'Afrique Central*, no.42, 2º trimestre
- FELNER, A.,
 1940. *Angola- Apontamentos sobre a Colonização dos Planaltos e Litoral do Sul de Angola. Documentos*, vol.I, século XVIII
- FREYBURG, H.,
 1935. *Out of Africa*, Londres.

- GAMITTO, A.C., Pedroso,
1854. *O Muata Cazembe e os povos Maraves, Cheuas, Muizas, Muembas, Lundas e outros da África Austral. Diário da Expedição Portuguesa Commandada pelo Major Correia Monteiro e Dirigida Aquelle Imperador nos Annos de 1831 e 1832*, Lisboa: Imprensa Nacional.
- GLUCKMAN, M.,
1954. "Circuncision Rites of the Balovale Tribes", *African Studies*, XIII, 2, pp. 89-92
- GRAÇA, J. Rodrigues,
1854/55. "Descrição da viagem feita de Loanda com destino às cabeceiras do Rio Senna, principiada em 24 de Abril de 1843", *Annões do Conselho Ultramarino, Parte Não Oficial*, Lisboa, sér.I, pp. 101-114, 117-129, 133-146
1890. "Expedição ao Muatayanvua", *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 9ª série, nos.8 e 9, pp. 365-468
- HAMBLY, W.D.,
1954. *The Ovimbundo of Angola*, Chicago.
- Henriques, I. Castro,
1997. *Percursos de Modernidade em Angola. Dinâmicas Comerciais e transformações sociais no século XIX*, Lisboa: IICT
1989. "Armas de Fogo em Angola no Século XIX: uma Interpretação", *Actas da 1ª Reunião Internacional sobre a História de África*, Lisboa: IICT
- HEUSCH, Luc de,
1972. *Le Roi Ivre (ou l'origine de l'état)*, Paris: Gallimard
- HOPKINS, A.,
1973. *An Economic History of West Africa*, Londres: Longman
- HOOVER, J. Jeffrey,
1978 a. "The Seduction of Ruweji: Reconstructing Ruund History (The Nuclear Lunda; Zaire, Angola, Zambia)", 2 volumes, dissertação de doutoramento, Yale University
1978 b. "Mythe e remous historique: A Lunda response to de Heusch", *History in Africa*, 5, pp. 63-79
- KANANPUMB, N'dua Solol,
1973. "Mwant Yaav Mushid (c. 1856-1907)", *Études d'histoire africaine*, V, pp. 25-50
- KLEIN, M.,
1971. "Slavery, The Slave Trade and Legitimate Commerce in Late Nineteenth Century Africa", *Études d'Histoire Africaine*, vol.II, pp. 5-28
- LIMA, J.J. Lopes de,
1846. *Ensaíos sobre a Statistica das Possessões Portuguezas*, vol.III, Lisboa: Imprensa Nacional
- LIMA, A. Mesquitela,
1970. *Carta Étnica de Angola (esboço)*, Luanda: Instituto de Investigação Científica de Angola
1971. *Fonctions Sociologiques des Figurines de Culte Hamba dans la Société et dans la Culture Tshokwe (Angola)*, Luanda: Instituto de Investigação Científica de Angola
1988. *Os Kyaka de Angola*, vol.I, Lisboa: Edições Távola Redonda
1977. "Le Fer en Angola", *Cahiers d'études africaines*, nos. 66-67, pp. 345-351
- LIVINGSTONE, D.,
1963. *African Journal 1853-1856*, Londres
1857. *Missionary Travels and Researches in Southern Africa*, Londres

- LUX, A.,
1880. *Von Loanda nach Kimbundu (1875-1876)*, Viena
- MAGYAR, L.,
1859. *Reisen in Sud-Afrika in den Jahren 1849 bis 1857*, Pest e Leipzig: Lauffer e Stolp
- MARGARIDO, A.,
1971. "La formation du royaume de Kasanje, XVIe-XVIIIe siècles", *Revue Française d'Histoire d'Outre-mer*, Paris, tomo 58, no.212, pp. 354-57
1972. Mythes, légendes et objets plastiques dans l'histoire Chokwe", *Revue Française d'Histoire d'Outre-mer*, Paris, tomo LIX, no.216
- MARTINS, J. Vicente,
1966. *A Idade de Metais na Lunda*, Lisboa
1993. *Crenças adivinhação e Medicina Tradicionais dos Tutchokwe do Nordeste de Angola*, Lisboa: IICT
- MILLER, J.C.,
1988. *Way of Death. Merchant Capitalism and the Angolan Slave Trade, 1730-1830*, Madison: The University of Wisconsin Press
1970. "Cokwe Trade and Conquest", em R. Gray e D. Birmingham, eds., *Pre-Colonial African Trade*, Londres
1976. *Kongs and Kinsmen. Ealy Mbundu States in Angola*. Oxford: The Clarendon Press
1980. *The African Past Speaks*.
- MUNROE, J. Forbes,
1976. *Africa and the International Economy 1800-1960*, Londres: J.M. Dent & Sons Ltd.
- MWONDELA, W.R.,
1970. *Mukanda and Makishi: traditional education in north western Zambia*, Lusaka: National Educational Company of Zambia, Ltd.
- OLIVEIRA, M.A. Fernandes de e COUTO, C.A.M. eds.,
1968. *Angolana. (documentação sobre Angola)*, I (1783-83), Lisboa: JICU
1971. *Angolana. (Documentação sobre Angola)*, I (1883-87), Lisboa: JICU
- PALMEIRIM, M.,
1994. "Of Alien Kings and Ancestral Chiefs. En Essay on the Ideology of Kinship among the Aruwund", tese de doutoramento, School of Oriental and African Studies (SOAS), Universidade de Londres
- PAPSTEIN, R.,
1978. "The Upper Zambezi: A History of the Luvale People, 1000-1900", tese de doutoramento, Universidade de California, Los Angeles
- PÉLISSIER, R.,
1986. *História das Campanhas de Angola*, Lisboa: Editorial Estampa, 2 vols.
- PETERMANN, A.,
1860. "Ladislau Magyar's Enforschung von Inner-Afrika. Nachrichten über die von ihm in den Jahren 1850, 1851 und 1855 bereisten Länder Muluwa, Moropu und Lobal", *Petermann's Geographische Mitteilungen*, Gotha, vol. VI
- PHILIPSON, D.,
1974. "Iron Age History and Archaeology in Zambia", *Journal of African History*, XV, 1, pp. 1-25
- PINTO, A.A. da Rocha de Serpa,
1881. *Como eu atravessei Africa do Atlântico ao mar Indico. Viagem de Benguella à contra-costa*, Londres: Sampton Low, Marston, 2 vols.

- POGGE, Paul,
1880. *Im Reiche des Muata-Jamvo*, Berlim
- PORTO, A. Da Silva,
1942. *Viagens e Apontamentos de um Portuense em África*, Lisboa: Agência Geral das Colónias
1885. "Novas Jornadas", *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, vol.V, 1885. Pp. 166-170, 573
- REDINHA, J.,
1952. *Distribuição étnica de Angola- introdução, registo étnico e mapa*, Luanda
- REEFE, T.K.,
1981. *The Rainbow and the Kings: A History of the Luba Empire to 1891*, Berkley and Los Angeles: University of California Press
1983. "The Societies of the Eastern Savanna", in D.Birmingham & P.Martin eds., *History of Central Africa*, 2 vols.
- ROBERTS, A.,
1976. *History of Zambia*, Londres: Longmans
- REDINHA, José,
1953. *Campanha Etnográfica ao Tchiboco*, Lisboa
1968. "Subsídio para a história e cultura da mandioca entre os povos do Nordeste de Angola", *Boletim de Instituto de Investigação Científica de Angola*, vol.5, no.1, pp. 95-108
- SANTOS, M.E. Madeira,
1986. *Viagens e Apontamentos de Um Portuense em África*, Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra
- SANTOS, E. dos,
1966. *A Questão da Lunda (1885/1894)*, Lisboa
- SENNA, N.Coelho de,
1938. *Africanos no Brasil*, Bello Horizonte
- SCHUTT, O.T.,
1881. *Reise in Südwestlichen Becken des Congo*, Berlim
- SOREMEKUN, F.,
1977. "Trade and Dependency in Angola", em R. Palmer e N. Parsons, eds., *The Roots of Rural Poverty in Central and Southern Africa*, Londres: Heineman
- TAVARES, A.P.,
1995. "Na Mussumba do Mutiãnvua quando a Lunda não era Leste. Estudo sobre A Viagem à Mussumba do Mutiãnvua de Henrique de Carvalho", Tese de Mestrado em Literatura Brasileira e Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- TORDAY, E.,
1925. *On the Trail of the Bushongo*, Londres
- TURNER, V.,
1957. *Schism and Continuity in an African Society: A Study of Ndembu Village Life*, Manchester: Manchester University Press
- TORRES, J.C. Feo Cardoso de Castello Branco e,
1825. *Memórias contendo a biografia do vice almirante Luis Motta Feo e Torres, a História dos governadores e capitães generaes de Angola desde 1575 até 1825 e a Descrição geographica e política dos reinos de Angola e Benguella*, Paris: Fantin

VANSINA, J.,

1966. *Kingdoms of the Svanna*, Madison: University of Wisconsin Press

1963. "The foundation of the Kingdom of Kassanje", *Journal of African History*, Londres, vol.4, no.3, pp. 355-74

1973-74. "Probing the Past of the Lower Kwilu Peoples (Zaire)", *Paideuma*, 19-20, pp. 332-364

1997. "Histoire du Manioc en Afrique Centrale avant 1850", *Paideuma*, 43, pp. 255-279

VON MECHOW,

1882. *Die Deutsche Kuango Expedition*, Berlin

VON KOOLWIJK, Martinho,

1963. "Entre os Ganguelas I - Circoncisão dos Rapazes", *Portugal em Africa*, XX, no.20, pp. 156-172

VELLUT, J.L.,

1970. "Relations internationales du Moyen-Kongo et de l'Angola dans le deuxième moitié du XVIIIe siècle", *Études d'histoire africaine*, I, pp. 75-135.

1972. "Notes sur le Lunda et la Frontière Luso-Africaine (1700-1900)", *Études d'histoire africaine*, III, pp. 61-166

1979. "Diversification de l'économie de cueillette: miel et cire dans les sociétés de la forêt claire d'Afrique centrale (cd.1750-1950)", *African Economic History*, 7 pp. 93-112

WHEELER, D.,

1964. "A Note on Smallpox in Angola", *Stúdia*, 13/14, Jan/Julho, pp. 356-57

WHITE, C.M.N.,

1953. "Notes on Circumcision Rites of the Balovale Tribes", *African Studies*, XII, 2, pp. 185-193

